

## MARTIM AFONSO DE SOUSA

**A** TRAVESSAVA Portugal a fase mais gloriosa da sua evolução, com a literatura no apogeu gilvicense, com seus sábios a pontificar em universidades estrangeiras, com os navegadores imortais, a quem o Infante D. HENRIQUE transmitira a chama do seu entusiasmo patriótico, em busca da expansão marítima, com os artistas criadores do estilo manuelino, com o florescimento comercial, proporcionado pela viagem triunfante de VASCO DA GAMA, à Índia, quando, em berço fidalgo, de Vila Viçosa, nasceu MARTIM AFONSO DE SOUSA. Mal decorrido o primeiro biênio, começou também a viver, desde 6 de junho de 1502, quem seria, antes de fundar o primeiro quartel do século, o rei D. JOÃO III, e também o futuro cosmógrafo PEDRO NUNES.

Serviu de paçom, quando jovem, ao príncipe, circunstância que naturalmente explicará a sua admissão na comitiva de D. LEONOR, de retirada para Castela, após o falecimento de D. MANUEL, a 13 de dezembro de 1521. Conheceu Salamanca, onde se casou com D. ANA PIMENTEL, descendente dos MALDONADOS, de nobre linhagem.

A lua de mel interrompeu-lhe a expedição organizada por CARLOS V contra a França, de que participou voluntariamente, por não lhe "parecer razão que ficasse guardando as pousadas dos outros", como declararia mais tarde. Vitoriosos nas refregas, que lhe puseram à prova os dotes militares, escusou-se de continuar a serviço do monarca espanhol.

Ao tornar a Portugal, donde partira juntamente com a rainha viúva, não seria menor a sua missão, ao acompanhar a princesa, noiva d'El-Rei, cuja entrada em terras lusitanas se registou a 14 de fevereiro de 1525.

Esbatem-se-lhe as pegadas, em mistérios anônimos na Côte, até que se agravasse o problema da defesa do Brasil contra as incursões dos concorrentes, decididos a transgredir o monopólio realengo, de comércio com os indígenas.

As expedições punitivas, em que se extremou CRISTÓVÃO JAQUES, apenas exerciam ação temporária, durante o seu cruzeiro em águas brasileiras.

Uma vez afastadas do cenário cobiçado, tornavam os mercadores ousados a exercer as lucrativas transações proibidas pela metrópole. Para coibir tamanho desrespeito às suas ordens, resolveu D. JOÃO III empreender providência de maior amplitude, que lhe garantisse a posse efetiva da colônia desmedida. E em 1529, nomeou MARTIM AFONSO "capitão-mor da armada e enviou à terra do Brasil e assim das terras que éle na dita terra achar e descobrir".

Demorou, todavia, o preparo da expedição, cuja partida de Lisboa somente se verificou a 3 de dezembro de 1530, sábado. Compunha-se de cinco navios, a saber: a nau capitânia, em que ia MARTIM com seu irmão PÉRO LOPES, a denominada "São Miguel", comandada por HEITOR DE SOUSA, o galeão "São Vicente", de PÉRO LÔBO PINHEIRO, a caravela "Princesa", de BALTASAR GONÇALVES e a "Rosa", do capitão DIOGO LEITE.

Ao findar janeiro seguinte, aproximaram-se do cabo de Santo Agostinho, onde aprearam duas naus francesas, e adiante, a terceira, que tomou o nome de "N. S. das Candeias", mercê da vitória alcançada a 2 de fevereiro.

A 20, em Pernambuco, o governador toma as primeiras providências, que lhe competiam. Incumbe DIOGO LEITE da exploração do litoral para o norte e oeste, até o rio Maranhão, e confia-lhe duas caravelas "Rosa" e "Princesa". Envia JOÃO DE SOUSA a Portugal, com valioso carregamento de pau-brasil arrebatado aos infratores e notícia das ocorrências auspiciosas.

Acomoda os doentes na feitoria, que os franceses assaltaram meses antes, e rumou para o sul. Entrou pela baía de Todos os Santos, em março, e após demora de quatro dias, levantou ferro.

A 30 de abril, fundeu a sua capitânia no seio hospitalero da Guanabara, a cuja beira ergueu improvisado estaleiro. Enquanto os carpinteiros, calafates e ferreiros montavam dois bergantins, quatro homens escolhidos para a exploração das paragens vizinhas "andaram pela terra 115 léguas", durante dois meses. Cruzaram "montanhas mui grandes" e "foram dar com um grande rei senhor de todos aqueles campos e lhes fêz muita honra e veio com eles". E, para esporear a ambição dos forasteiros, afirmou o cacique nu que no "rio de Paraguai havia muito ouro e prata".

Dessa primeira entrada, nenhuma vantagem imediata resultou. Mas, a miragem de riquezas fabulosas espalhadas pela hinterlândia, de que dera notícia o silvícola astuto, abrasou a imaginação dos adventícios, para quem se abria a possibilidade aventureira do enriquecimento rápido. Adstrito à sua missão, preparou-se, todavia, MARTIM AFONSO para prolongar a peregrinação exploradora.

Para quatrocentos homens, que ainda lhe estavam sob o comando, depois da distribuição por várias tarefas, em Pernambuco, conseguiu mantimentos por doze meses. A primeiro de agosto, convenientemente abastecido, deixou o pôrto, que por algum prazo lhe conservou o nome, com quatro navios, em que se incluíam unidades francesas, e dois bergantins, recém-armados, de 15 bancos.

A cerração ocultava-lhe a silhueta do litoral. "Fomos tão perto da terra, que víamos arrebentar o mar, e não na víamos", registou PÉRO LOPES em seu "Diário".

Conheceu a ilha dos Alcatrazes, no dia 10, Cananéia, onde o bergantim, despachado para examinar a faixa próxima, regressou com FRANCISCO DAS CHAVES e o bacharel e 5 ou 6 castelhanos. Era aquele "mui grande língua desta terra", onde o segundo "havia 30 anos estava degredado".

Tanto o maravilham com as suas narrativas promissoras, que resolveu MARTIM AFONSO destacar "40 besteiros e 40 espingardeiros", chefiados por PÉRO LÔBO, "que fôsem descobrir pela terra a dentro".

Assim atendia à propaganda ardorosa de CHAVES, que incisivamente garantia lhe bastavam dez meses para voltar "com 400 escravos carregados de prata e ouro". Reforçava-se destarte a informação do chefe indígena, que visitara o pôrto de MARTIM AFONSO, à beira da Guanabara.

Havia ouro em profusão, à distância do litoral, embora não tivesse ainda PIZARRO assaltado os domínios dos incas, onde se confirmou a opulência da lenda estonteante.

Despediram-se ao raiar do mês de setembro, e nunca mais deram notícia do que lhes sucedeu.

A 26, puseram-se à vela as embarcações, que, açoutadas de ventos rijos, perderam muitas âncoras, durante os 44 dias de parada, em que "nunca vimos o so".

De caminho, desgarrou-se um dos bergantins, cujo regresso debalde aguardaram por alguns dias. Afinal, embocavam no rio da Prata, anteriormente rio de Santa Maria, dos navegantes lusitanos, ou Solis, dos espanhóis.

Não lhes correram de feição os sucessos no estuário platino.

O naufrágio da capitânia em que por um triz não pereceu o comandante, a perda de viveres, o desaparecimento de sete homens, os estragos causados pelos temporais a outros navios, tudo concorreu para o governador alterar o seu programa.

Naufrágio, acampado em terra, a consertar os navios desmantelados, MARTIM incumbiu seu irmão de levar o bergantim, águas acima, até onde pudesse cravar o padrão indicativo de posse portuguesa. De 23 de novembro a 13 de dezembro, navegou PÊRO LOPES contra a correnteza, até alcançar o esteiro dos Carandins, onde plantou o marco lusitano.

De regresso, correu-lhe de agonia a noite de Natal, na vizinhança da ilha das Pedras contra a qual o impetuoso nordeste jogou o bergantim, que sossobrou. No dia seguinte, porém, amainou o temporal, "variou a água muito", e puderam os naufragos reparar os danos causados à embarcação. E decorridos mais dois dias, atingiram o acampamento, onde se encontravam os expedicionários, que o deixariam na arraia de alvissareira de janeiro de 1532.

Triunfante na luta contra os intrusos, ultimada a exploração do litoral brasileiro, faltava ao governador ocupar-se da terceira parte da sua missão, relativa ao povoamento. Cumpria-lhe escolher o sítio apropriado, que atraísse moradores. O conhecimento da costa, distendida de Guanabara para o sul, fizera-o fixar as preferências em São Vicente, para onde se dirigiu MARTIM AFONSO, que a 22 deu começo ao plano construtivo. Já se erguiam as primeiras casas, quando a 5 de fevereiro à flotilha se juntou a caravela "Santa Maria do Cabo", enviada à procura do bergantim desgarrado. Encontrou-o desfeito no pórtio dos Patos, onde estanciavam os naufragos portugueses e mais 15 castelhanos que lá residiam. Reunido de novo o pessoal, com exceção dos condúfcios de PÊRO LÔBO, que pereceram ao longe, o governador "fêz uma vila na ilha de São Vicente e outra 9 léguas dentro pelo sertão, à borda de um rio que se chama Piratininga, e repartiu a gente nestas 2 vilas e fêz nelas oficiais e pôs tudo em boa obra de justiça".

É afirmativa de PÊRO LOPES, a quem se deve a narração dos feitos da expedição afonsina até o dia 22 de maio, em que se afastou da companhia do irmão.

Com os marujos, tripulou o galeão "São Vicente", e a nau "N. S. das Candeias", que levaram a Lisboa as primícias da atuação governativa em São Vicente.

A engrandecê-la devotou-se MARTIM AFONSO, decidido a criar fecundo núcleo de povoamento. Por isso, intensificou a lavoura para abastecimento da gente que dirigia, deu início ao primeiro engenho com capela, que veio a ser chamado do Governador, ergueu as "tercenças da Ribeira das Naus", concluiu fortaleza em São Vicente contra o rebate dos índios e começou de interessar os principais no amor da terra, povoamento e defesa, através das doações de semsarias, sintetizou EUGÊNIO DE CASTRO ao comentar eruditamente o "Diário de Navegação de Pêro Lopes de Sousa" (1940).

Cuidava de seus empreendimentos, quando JOÃO DE SOUSA lhe entregou carta, firmada a 28 de setembro de 1532, por D. JOÃO III, que lhe comunicava a divisão do Brasil em capitânias, a maior das quais lhe foi destinada, e outra, vizinha, a seu irmão.

E permitia-lhe El Rei o regresso, caso julgasse conveniente.

Assim autorizado, partiu a 13 de março para a travessia atlântica, ultimada provavelmente em agosto.

Deixou, no Brasil, a semente urbana de São Vicente, que floresceria, embora deslocada para Santos, e a de Piratininga, cujo viço aguardaria mais de quatro lustros para se manifestar, após a sua transferência a sítio mais propício, à beira do Tietê, onde São Paulo ostenta pujança progressiva. Ainda mais, tornara mais miudamente conhecido o litoral até o rio da Prata, assinalado por marco possessório, depois de expulsar de suas enseadas acolhedoras as naus intrusas.

Das observações colhidas e comunicadas aos especialistas, resultaram "três belas afirmações do engenheiro lusitano e correspondentes da expedição de 1530", afirma EUGÊNIO DE CASTRO, em seus comentários magistrais:

- o Tratado da Esfera do Dr. Pedro Nunes;
- a carta de marear de Gaspar Viegas, de 1534;
- o "Diário de Pêro Lopes de Sousa".

Se este permaneceu inédito até que VARNHAGEN o trouxesse a lume em 1839, maior divulgação coube ao trabalho cartográfico de VIEGAS, a respeito do qual opinou FERDINAND DENIS: "o capitão de fragata MOUCHEZ que foi encarregado pelo governo francês de continuar e aperfeiçoar os trabalhos do almirante ROUSSIN, no levantamento da carta do Brasil ficou como eu admirado da exatidão relativa de tal monumento geográfico". (Ap. HARRISSE). No tocante ao cosmógrafo, relembre-se, a propósito, a sua declaração expressiva: "Não há muitos dias, senhor, que falando com MARTIM AFONSO DE SOUSA sobre a navegação que fêz pela parte sul, entre outras cousas me disse com quanta diligência e por quantas maneiras tomara a altura dos lugares em que se achara, e verificara as rotas por que fazia seus caminhos, mas que de duas cousas se espantara muito".

Das dúvidas expostas pelo consulente de alto coturno, resultou a determinação da loxodromia, que PEDRO NUNES estudou proficentemente, para benefício da navegação.

Apesar dos trabalhos científicos que inspirou, não conseguiu MARTIM AFONSO dedicar-se exclusivamente à Geografia.

Solicitações mais prementes o impeliram à Índia, onde já em 1541 apareceu como governador, capaz de atos grandiosos. Jamais deixaria, porém, o Brasil, cujo engrandecimento promoveu, como donatário, que orientava as iniciativas dos seus procuradores.

A confiança que lhe inspirava a colônia luso-americana espelha-se na resposta que lhe atribuem, quando interrogado por D. JOÃO III, a respeito da possível conveniência da emigração da Corte portuguesa, para evitar incomodativas pressões da vizinhança europeia.

"Por certo, sôr, que doudice era ela, que pudera fazer um rei sizado, o não viver dependente da vontade dos seus vizinhos, podendo ser monarca de outro maior mundo". Antecipava-se, destarte, de dois séculos e meio, à decisão do príncipe D. JOÃO, que em 1808, salvou a coroa braçante, confiada à sua regência, e Portugal, invadido pelas legiões napoleônicas, mediante apressada transferência da sede do governo para a cidade do Rio de Janeiro, quando já os cavalarianos de JUNIOT se aproximavam de Lisboa. E assim, ainda uma vez patenteou MARTIM AFONSO peregrina inteligência, que amplamente se apliou em benefício da Geografia do Brasil, tanto na parte referente às explorações litorâneas, que dirigiu pessoalmente, como da hinterlândia, e do povoamento da capitania imensa, que lhe foi doada por El-Rei. E, ademais, foi o primeiro na previsão do acolhimento seguro que a imensa colônia poderia oferecer, em caso de perigo peninsular, ao Reino molestado por freqüentes conflagrações européias.

VIRGILIO CORRÊA FILHO

